

ARTIGO

Bolívia, um país em movimento



Arquivo Pessoal/FERNANDA CARDOZO

"Cholita" (nativa indígena) em sua casinha à beira da estrada para La Paz

Na fronteira da Argentina com a Bolívia, a cidade de La Quiaca, o movimento e a aglomeração de pessoas era intenso. De um lado, a fila para carimbar o passaporte de saída no setor de *imigración* boliviano. No lado oposto, uma fila no mínimo dez vezes maior, na *imigración* argentina, para carimbar os documentos de entrada nesse país.

Ao contrário do lado boliviano, onde um grande número de turistas, em especial argentinos e brasileiros, e um número menor de europeus, carimbava seus passaportes para uma estadia de turismo de alta qualidade e baixo preço nos altiplanos andinos, faziam parte da fila para entrada na Argentina majoritariamente numerosas famílias bolivianas. Mães com seus filhos e filhas, casais, músicos. Um agenciador conferia os documentos recém tirados, talvez o primeiro de uma senhora de 54 anos que estava na minha frente, e as passagens de seus familiares com destino a Buenos Aires. Explicava pacientemente à senhora, que não sabia ler, onde tomar o ônibus e quem estaria lhe esperando.

Estudos estimam que cerca de 20% dos bolivianos vivem fora da Bolívia atualmente. O destino da maioria desses imigrantes (2 milhões) é a Argentina, onde vão trabalhar como mão-de-obra barata num país com índice de desemprego ainda alto. Existem muitas denúncias de trabalho semi-escravo utilizando a mão-de-obra boliviana, inclusive no Brasil. Como grande parte dessas migrações são ilegais, as empresas que "importam" esses trabalhadores podem dar o tratamento que desejarem a eles: afinal, não possuem documentos ou direitos.

O fluxo migratório não se dirige apenas aos outros países, mas também é interdepartamental. Muitos indígenas expulsos do campo estão nas cidades, vendendo artesanato ou comida a preços ínfimos. As causas dessa expulsão são a extrema pobreza, a repressão norte-americana às plantações

de coca, que expulsou milhares de camponeses da zona rural, o inevitável esgotamento das minas e a falta de opções de trabalho nas cidades. Existem poucas indústrias, e o que resta é a economia informal, onde trabalham cerca de 67% dos bolivianos.

O governo de Evo Morales, que completou um ano em dezembro, tem tentado reverter essa tendência através de três eixos básicos: alfabetização, saúde e documentos. A Bolívia é um país efervescente. Os bolivianos que ficam estão vivendo um processo de grande agitação política. Em Santa Cruz de la Sierra, departamento mais moderno e urbanizado e com maior índice de rejeição ao governo de Evo, grandes faixas defendem a autonomia. Em Sucre, estão reunidos os deputados responsáveis pela elaboração da nova constituição boliviana, uma das promessas de governo cumpridas. A bandeira andina é retomada com orgulho, inclusive em diversos prédios públicos.

Entretanto, a cobrança por parte dos que taxam qualquer governo que tente desviar das normas impostas pelos países ricos de "populista" é grande. Vêm as propostas de reforma agrária, de nacionalização dos hidrocarbonetos e de criar uma sociedade mais inclusiva para a maioria absoluta da população, os indígenas, como um golpe demagógico frente a uma população facilmente manipulável. Mas não é assim que se sentem os bolivianos que cansaram de ter que cruzar a pé as fronteiras com os países vizinhos. Eles almejam a construção de um novo país, que começa através da garantia acessos básicos como luz, água encanada, esgotos e infra-estrutura que os proteja das inundações, como as que aconteceram recentemente. Confiam no novo presidente e cobram dele mais firmeza na defesa dos direitos dos que o elegeram.

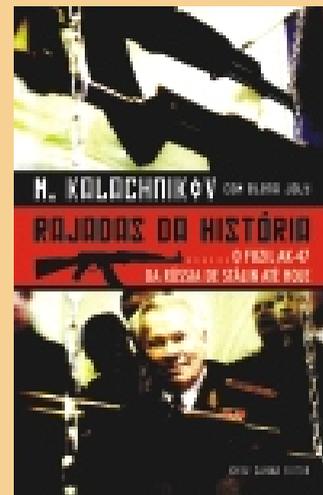
"Bolivianos almejam a construção de um novo país"

Fernanda Cardozo

Graduada em Jornalismo e História pela UFSM e mestranda em História na UFRGS

DICA CULTURAL

LIVRO



Quem leu?

Sérgio A. Massen Prieb(*)

Livro:

RAJADAS DA HISTÓRIA
O fuzil AK-47 da Rússia de Stálin até hoje

Autor: KALACHNIKOV, M.
com Elena Joly

Editora: Jorge Zahar Editor,
2005, 167 páginas

Preço: R\$ 39,00

Aos olhos da sociedade contemporânea, pode parecer difícil alguém dedicar toda uma vida por uma causa, a do socialismo e à defesa da soberania de um país. Assim como pode parecer contraditório o inventor do fuzil AK-47 (Avtomat Kalachnikova, produzido em 1947, daí a origem do 47 no nome) e ao mesmo tempo apresentar uma vertente humanista das mais generosas. Pois Mikhail Timofeievich Kalachnikov, hoje com 88 anos, prova que homens como ele, ainda existem. Na leitura do livro, pode-se conhecer melhor o homem que dá nome ao fuzil mais conhecido no mundo, utilizado tanto nas lutas de independência dos países da África, pelos vietnamitas contra os invasores norte-americanos, entre tantos outros conflitos. Ele não se furta de falar sobre a miséria da Rússia capitalista, e da violência praticamente inexistente antes da derrocada do leste europeu: "Não era assim no tempo dos soviéticos". Ou comentando que só depois da queda da URSS tornou-se fato comum ver "crianças serem levadas para a escola de Mercedes, enquanto outras estão limitadas a catar comida nas lixeiras". Kalachnikov, ao contrário de outros inventores de armamentos, como o norte-americano Eugene Stoner (criador do M-16, que morreu milionário), nada recebeu pela criação de seu fuzil. Seu único objetivo era criar uma arma que defendesse o país e a sociedade que tanto amou: a União Soviética e o socialismo.

* Professor do Departamento de Ciências Econômicas da UFSM, diretor da SEDUFSM